

Um debate sobre o conhecimento de Deus

Composição e interpretação de Jb 32–37¹

LUÍSA MARIA VARELA ALMENDRA

Faculdade de Teologia (UCP) – Lisboa

Perguntas «dominantes» a Job 32–37

Palavras originais ou ulteriores?

Absorta no movimento da *Literarkritik*, intensamente focalizado na reconstrução histórica-literária do texto bíblico, a pergunta dominante versou claramente sobre a relação de pertença entre *palavra-autor*. Foi nela que se situaram até aos dias de hoje a maioria dos autores: «são as palavras expressas nos ‘Discursos de Elihu’ originais do autor do livro de Job ou apenas palavras ulteriores, as primeiras de uma série infinita?».² Esta pergunta provocou direcções de investigação múltiplas, a grande maioria intensamente repetitiva, das quais se destacam algumas sinceramente inovadoras e outras liminarmente alucinantes. São um exemplo *as primeiras tentativas de uma crítica literária objectiva* realizadas por H. H. Nichols, Jr. Jastrow e W.A. Irwin,³ os estudos de incidência filológica realizados por N. H. Tur-Sinai,

¹ Este artigo constitui uma introdução breve ao trabalho de investigação (tese) apresentado nas provas de doutoramento, em Outubro de 2005, e em fase de preparação para a sua publicação.

² Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – J.L. SICRE DIAZ, *Job. Comentario teológico y literario* (Madrid 1983); M. WITTE, “Noch einmal: Seit wann gelten die Elihureden im Hiobbuch (Kap. 32–37)?“, *Biblische Notizen* 67 (1993) 20-25; G. BORGONOVO, *La notte e il suo sole. Luce e tenebre nel libro di Giobbe. Analisi simbolica* (Roma 1995).

³ Cf. H.H. NICHOLS, “The Composition of Elihu Speeches”, *AJSL* 27 (1911) 97-186; M. JR. JASTROW, *The Book of Job. Its Origin, Growth and Interpretation with a New Translation based on a revised Text* (Philadelphia, PA 1920) 314-342; W.A. IRWIN, “The Elihu Speeches in the Criticism of the Book of Job”, *JR* 17 (1937) 37-47.

A. Guillaume e M. Dahood, a *procura de uma estrutura formal* desenvolvida por G. Fohrer e C. Westermann⁴ e os primeiros ensaios sobre uma *relação entre os discursos de Elihu e a secção poética*, abordada por D.F. Freedman, G.W. Martin e R. Gordis.⁵ De um modo geral, todos estes estudos negaram a originalidade dos discursos de Elihu, insistindo na sua adição tardia. Esta atitude persistiu nos estudos recentes de V. Maag e de Th. Mende e H.M. Wahl, que levaram praticamente até à exaustão as hipóteses de uma história de redacção e composição destes discursos,⁶ que muitos ousam contrariar, numa defesa acérrima da originalidade dos discursos de Elihu, da sua homogeneidade, pertença e lugar no desenvolvimento do drama do livro.⁷

Palavras escusadas ou de sabedoria?

A afirmação de uma redacção e integração tardia dos discursos de Elihu arrasou consigo a questão da oportunidade e da natureza das suas palavras. Alguns autores limitaram-se a considerar estes discursos como um conjunto de palavras de superioridade e artificialidade, escusadas e sem inspiração, que ninguém escuta, porque apenas instigadoras de uma fé estéril.⁸ Outros preferiram sublinhar a sua dimensão sapiencial, que alguns utilizam como mera confirmação do seu período de redacção.⁹ Neste contexto, destacam-se com um especial relevo os estudos recentes de K. Dell e C. Newsom.¹⁰ O primeiro, extremamente crítico em relação à dimensão sapiencial do livro de Job, que afirma só poder ser considerado um livro sapiencial num sentido muito geral; o segundo, um grande defensor das características sa-

⁴ Cf. C. WESTERMANN, *Der Aufbau des Buches Hiob* (BHT 23; Tübingen 1956-21977) 139-148; G. FOHRER, „Die Weisheit des Elihu (Hi 32-37)“, *AfO* 19 (1959) 83-94.

⁵ Cf. D.F. FREEDMAN, „The Elihu Speeches in the Book of Job: A Hypothetical Episode in the Literary History of the Work“, *HTR* 61 (1968) 51-59; G.W. MARTIN, *Elihu and the Third Cycle in the Book of Job* (Ann Arbor 1973) 100-107; R. GORDIS, *The Book of God and Man. A Study of Job* (Chicago 1965) 105-115.

⁶ Cf. V. MAAG, *Hiob: Wandlung und Verarbeitung des Problems in Novelle, Dialogdichtung und Spätfassungen* (FRLANT 128; Göttingen 1982); Th. MENDE, *Leiden Zur Vollendung. Die Elihureden Im Buch Ijob (Ijob 32-37)* (TTS 49; Trier 1990) 406; H.-M. WAHL, *Der Gerechte Schöpfer: Eine Redaktions- und Theologiegeschichtliche Untersuchung der Elihureden – Hiob 32-37* (BZAW 207; Berlin – New York 1993); e ainda J. VERMEYLEN, «Pour justifier mon Créateur», *Gott und Mensch im Dialog*, FS O. Kaiser (ed. M. WITTE) (New York, NY 2005).

⁷ Cf. entre os mais significativos N.C. HABEL, *The Book of Job* (London 1985) 36; J.G. JANZEN, *Job* (Atlanta, GA 1985) 217-218; D. WOLFERS, *Deep Things Out of the Darkness. The Book of Job* (Grand Rapids, MI 1995) 65-66; L.J. WATERS „The Authenticity of the Elihu Speeches in Job 32-37“, *BS* (1999) 28-41.

⁸ Cf. entre outros S.R. DRIVER – G.B. GRAY, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Job* (Edinburgh 1921-1977) xl-xxl; J. LÉVÉQUE, *Job et son Dieu* Essai d'exégèse et de théologie biblique, I-II (Paris 1970) 538-544; J.B. CUTIS, „Why were the Elihu Speeches added to the Book of Job“, *Eastern Great Lakes and Midwest Biblical Societies Proceedings* 8 (1988) 93-99; L.G. PERDUE, *Wisdom in Revolt: Metaphorical Theology in the Book of Job* (Sheffield 1991) 68; H. VIVIERS, „Elihu 32-37, Garrulous but Poor Rhetor? Why is he ignored“, *The Rhetorical Analysis of Scripture* (JSNT Sup 146; London 1997) 137-153.

⁹ Cf. A. WEISER, *Das Buch Hiob* (Göttinger 1951-21956); C. WESTERMANN, *Der Aufbau des Buches Hiob* (Tübingen 1956-21977); G. FOHRER, *Das Buch Hiob* (Gütersloher 1963-1989); Th. MENDE, *Durch Leiden Zur Vollendung. Die Elihureden Im Buch Ijob (Ijob 32-37)* (Trier 1990).

¹⁰ Cf. C.A. NEWSOM, „Elihu's Sapiencial Hymn (Job 36.24-37.13). Genre, Rhetoric and Moral Imagination“, *Relating to the Text. Interdisciplinary and Form-Critical Insights on the Bible* (eds. T.J. SANDOVAL – C. MANDOLFO) (Sheffield 2003) 211; K. DELL, *The Book of Job as Sceptical Literature*, (New York 1991) 66-107.

pienciais dos discursos de Elihu.¹¹ O debate iniciado por estes dois estudos constitui um passo significativo em relação à simples redução destes discursos a palavras articuladas por uma facção da tradição sapiencial, que reconhecia as limitações colocadas por Deus à compreensão humana.¹² A valorização sapiencial dos caps. 32–37 representa um momento importante de um debate que clama por outras questões dominantes, capazes de romper os comportamentos estranhos e esquivos dos que, não querendo tomar posição, decidem ignorar simplesmente os capítulos 32–37.¹³ Neste advir ocorre citar os estudos de N. C. Habel e de K. Engljähringer, representantes significativos de uma viragem na direcção *texto-leitor*. O primeiro, determinado em evidenciar o papel que os discursos desenvolvem no drama do livro de Job;¹⁴ o segundo, obstinado numa compreensão das estruturas de comunicação e das figuras de retórica, guias fundamentais de uma interpretação onde a situação concreta de dor extrema se torna um verdadeiro paradigma de teologia.¹⁵ É no encaço destes novos horizontes que se inscreve uma *Análise Retórica Bíblica* dos caps. 32–37.

A resposta de uma Análise Retórica Bíblica

Inscrito nos horizontes novos da exegese moderna, a *análise retórica bíblica* apresenta-se como um caminho promissor.¹⁶ Seduz-me a sua dedicada submissão à (P)palavra, que se oferece em construções e relações literárias, quase sempre complexas e difíceis. O seu percurso traça-se numa análise que se propõe como *uma etapa do estudo exegético de um texto* bíblico. Esta etapa não dispensa em absoluto os contributos da crítica textual, do estudo lexicográfico e gramatical, ou até mesmo da contextualização histórica, social e religiosa.¹⁷ A sua novidade distingue-se na relação intrínseca e objectiva que esta etapa procura estabelecer entre composição e interpretação.¹⁸ O passo determinante é encontrar a composição do texto, fundamento inequívoco de uma compreensão e interpretação objectiva e coerente.

A configuração dos caps. 32–37 como uma secção bem definida, no interior do Livro de Job, bem como a sua divisão interna em quatro poemas, bem delimitados pela afirmação técnica «Respondeu Elihu... dizendo» (32,6^a; 34,1; 35,1; 36,1),

¹¹ São dignos de nota os seus comparativos com algumas partes do livro de Sirac (Sir 42,15–43,33).

¹² Cf. B.S. CHILDS, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Philadelphia, PA 1979) 541.

¹³ É o caso do estudo de H.-P. MÜLLER, *Das Hiobproblem: seine Stellung und Entstehung im Alten Orient und im Alten Testament* (Darmstadt, 1978); M. GILBERT, *Les cinq livres des Sages* (Paris 2003).

¹⁴ Cf. N.C. HABEL, *The Book of Job. A Commentary* (London 1985) 79–81.

¹⁵ Cf. K. ENGLJÄHRINGER, *Theologie im Streitgespräch. Studien zur Dynamik der Dialoge des Buches Ijob* (Stuttgart 2003) 202.

¹⁶ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja* (Lisboa 1993) 37–39.

¹⁷ Cf. R. MEYNET, *Rhetorical Analysis. An Introduction to Biblical Rhetoric* (JSOTSS 256; Sheffield 1998) 309.

¹⁸ Cf. R. MEYNET, «Un nuovo metodo per comprendere la Bibbia: L'analisi retorica», *CivCatt* 3 (1994) 121.

foi desde sempre unanimemente reconhecida. Estes quatro poemas correspondem às quatro sequências que parecem caracterizar a composição geral da secção dos «Discursos de Elihu». Situa-se aqui o trabalho mais moroso e intrincado, nomeadamente a identificação de cada parte, passagem e sequência, numa re-escritura no absoluto respeito pela disposição morfológica e sintáctica do texto original hebraico, onde a configuração final é confirmada pela sua coerência com o nível superior. Proponho como exemplo demonstrativo uma visão muito rápida da análise da primeira passagem da primeira sequência (Jb 32,6b-22):

32,6b «Eu sou jovem em dias por isso hesitei e tive medo	e vós idosos, de <i>expor-vos o meu conhecimento</i> .
7 Eu dizia: «Que falem os dias e os muitos anos <i>dêem a conhecer a sabedoria</i> ».	
8 Porém, (è) O ESPÍRITO-ela, no ser humano, 9 Não os que são muito <i>são sábios</i> ,	O sopro de Shaddai, que faz compreender. nem os idosos compreendem o julgamento.
32,10 Por isso eu digo: «Escuta-me, 11 Vede! Esperei pelo vosso falar 12 Tentei compreender-vos,	<i>também eu quero expor o meu conhecimento</i> escutei as vossas razões, enquanto procuráveis palavras. mas eis (que) não existe um censor para Job, nenhum de vós responde ao <i>seu discursar</i> .
13 Não digais portanto: «Encontrámos <i>a sabedoria</i> »; (só) DEUS pode refutá-lo, não um homem.	
14 Ele não dirigiu contra mim palavras, 15 Desconcertados, já não respondem, 16 Devo esperar, porque não falam ,	não lhe retribuirei com <i>o vosso discursar</i> . foram removidas deles as palavras. porque permanecem e já não respondem?
32,17 Responderei, também eu a minha parte, 18 porque estou cheio de palavras;	<i>também eu quero expor o meu conhecimento</i> , pressiona-me O ESPÍRITO no meu interior.
19 Vê! O meu interior (è) como vinho que não foi aberto, como odres novos a rebenotar. 20 Falarei e que exista um espaço para mim, abrirei os meus lábios e responderei.	
21 Não darei preferência a um homem, 22 porque não sei dar títulos	e a um humano não darei título, de imediato me eliminaria o meu Criador.

A passagem (32,6b-22) aparece dividida em três partes, unidas pela repetição do desejo que Elihu tem de expor o seu conhecimento.¹⁹ A expressão *wayyia'an 'lîhû' ben-barak'el habbûzî wayyômar* («Respondeu Elihu, filho de Barak de Bûz,

¹⁹ Omite-se aqui o estudo filológico e lexicográfico, a análise feita na identificação da composição dos segmentos, trechos e partes, que antecede e prepara a composição final da passagem, que só encontra a sua confirmação definitiva, depois de analisadas as outras passagens que compõem a sequência. É a isto aquilo que chamo a confirmação com o nível superior. Suprimiu-se ainda um estudo comparativo com outras propostas de composição. Para todos estes aspectos remetemos o interessado para a referida tese a ser oportunamente publicada.

dizendo» 32,6a) delimita o início da primeira passagem (32,6b). O fim (32,22) é marcado pelo aparecimento em 33,1 da conjunção *we'ûlām* («contudo») que, associado à repetição da raiz hebraica *šm'* («escutar»), sugere a presença de uma nova unidade. Um dos aspectos mais significativos na composição desta passagem é a repetição conjunta dos verbos *hwh* («expor») e *yd'* («conhecer») (32,6e.10.17b), sob a qual se decide a divisão desta passagem em três partes: 32,6b-9.10-16.17-22. Esta divisão aparece confirmada por uma articulação temática, que coloca nos extremos a referência ao Espírito e no centro Deus. O resultado é uma composição de tipo aba: (A) é o Espírito (*rûah*) que faz compreender (32,6b-9); (B) só Deus (*'il*) pode vencer, não um homem (32,10-16); (A') pressiona-me o Espírito (*rûah*) no meu interior (32,17-22). *A relação entre as duas partes extremas* (32,6b-9 e 17-22) é evidente na repetição da expressão «expor o meu conhecimento» (32,6d.17b), que na primeira parte (32,6b-9) aparece associada aos verbos «temer» e «hesitar» (32,6c) e na última (32,17-22) à determinação de «responder». O verbo «falar» une também estas duas partes: na primeira (32,6b-9) como uma oportunidade dada aos anciãos e na última (32,17-22) como uma decisão de Elihu. Um outro aspecto relevante é a referência ao «Espírito», descrito na primeira parte como aquele que «faz compreender» (32,8) e na segunda como aquele que «pressiona» e «vigia» a imparcialidade de Elihu (32,18.22). A disposição retórica destes elementos estabelece uma relação estreita entre o desejo que Elihu tem de expor o seu conhecimento – responder a Job – e o impulso do Espírito. *A parte central* (32,10-16) liga-se às duas partes extremas (32,6b-9 e 17-22) pela repetição da expressão «expor o meu conhecimento» (32,10). O desejo que Elihu tem de falar (32,11.16) cria uma forte oposição ao silêncio dos anciãos, sugerindo uma estrutura concêntrica de três partes: (a) a oportunidade dada aos anciãos de falar (32,6b-9); (b) o silêncio dos anciãos (32,10-16); (a') a determinação de Elihu em falar (32,17-22). No centro (32,13), o silêncio dos anciãos opõe-se à referência explícita a Deus, declarado como o único capaz de «vencer/contestar» Job. Esta referência forma um paralelismo muito curioso com a declaração do poder singular do Espírito no ser humano (32,8), que pressiona Elihu a falar (32,18), sugerindo uma relação extraordinária entre o Espírito, Elihu e Deus sob a qual Elihu legitima a sua decisão de responder a Job. Esta referência singular a Deus (32,13) e ao Espírito (32,6b-9/17-22) confirma a configuração retórica da passagem numa composição tripartida de tipo ABA', onde a sabedoria e a capacidade de responder a Job é uma particularidade de Deus, oferecida ao ser humano / Elihu através do Espírito.

Numa contextualização bíblica, o desejo que Elihu tem de expor o seu conhecimento revela um pensamento marcadamente sapiencial, que vê no sábio um homem que irradia conhecimento da sua língua e dos seus lábios (Pr 15,2.7; Qo 12,9). Este pensamento incorporou na figura do sábio a capacidade de comunicar um conheci-

mento que pertence unicamente a Deus e que Ele dá de sua livre vontade àqueles que o temem (Pr 2,6; Qo 2,26). Ao insinuar-se como alguém que deseja expor o seu conhecimento, Elihu assume o papel do sábio tal como era tradicionalmente visto em Israel: aumentar o saber com lábios ricos de experiência e de conselho (Pr 16,21.23; Jr 18,18), criar capacidade de resposta ao ultraje e saber discutir com o estulto (Pr 27,11; 29,9; Jb 15,2). Curiosamente, Elihu manifesta algo de singular, assinalado ao nível morfológico, no uso do termo *dē'î*, o qual evidencia uma distinção entre o seu conhecimento (*dē'î*) e um conhecimento (*da'at*) tradicionalmente considerado como uma prerrogativa da sabedoria dos anos (Pr 2,5; 8,12; 9,10). O que Elihu deseja expor não é em absoluto um conhecimento da tradição, permanecendo no entanto, um conhecimento que se realiza num âmbito sapiencial, tal como deixa assinalado na referência à «sabedoria» (*ḥokmâ*) e ao «entendimento» (*bym*) (32,7b-9).

Num primeiro esboço de interpretação, verifica-se que Elihu não nega o valor da tradição, admite-o e dá-lhe um lugar de relevo, colocando-a no centro da primeira parte da passagem (32,7). No entanto, ao submetê-la surpreendentemente à superioridade do Espírito, nega-lhe a sua absoluta exclusividade (32,8-9).²⁰ A sabedoria não é em absoluto um apanágio dos muitos anos, mas sobretudo um dom do Espírito, dado a todo o ser humano. Nesta declaração, Elihu sobrepõe à tradição do mais velho a tradição que atribuíra ao Espírito a capacidade de entendimento e de sabedoria (Ex 31,3), de profetizar (Nm 11,26-30) e de liderar (Nm 27,18), dando a esta a precedência sobre a primeira. Ao fazê-lo demarca-se de Job e dos amigos, enredados num saber confinado aos que têm muitos dias. A sabedoria não é pertença absoluta dos muitos anos de vida, como a tradição o tinha imposto, mas um Espírito de entendimento possível a todos.²¹ Elihu sabe que não é «um escolhido», ou alguém a quem os intervenientes chamaram para intervir no debate; basta-lhe a certeza da acção do Espírito no ser humano (32,8) e em si (32,18-19). Esta é, em relação à angústia de Job e às defesas dos amigos, a sua única garantia de serenidade, imparcialidade e de não acomodação ao pensamento de outros ou da tradição (32,20-22). A oportunidade que Elihu diz ter dado aos amigos de responder a Job, e neles à tradição das gerações passadas, surge cheia de ironia (32,11-12). A ênfase que Elihu coloca na incapacidade de resposta dos amigos a Job (32,12) e no seu silêncio demissionário (32,15-16) é surpreendente. A sua concentração momentânea nos amigos e a sua expressão «Não digais ter encontrado a sabedoria!» (5,27; 8,8;

²⁰ Sobre a alusão ao Espírito como uma inspiração particular ou como um conhecimento cf. J.W. MCKAY, "Elihu. A Proto-Charismatic?", *ExpTim* 90 (1978) 168; A de WILDE, *Das Buch Hiob* (Leiden 1981) 311.

²¹ Cf. as figuras bíblicas de Samuel (1Sm 3), de Daniel (Dn 1-13), e o Sl 119,99-100 onde se declara que a meditação e a obediência à Torah dão ao que fala um entendimento maior que o dos mestres ou até mesmo dos anciãos. Neste sentido é, por isso, muito redutor limitar as palavras de Elihu a um simples confronto com a tradição [cf. N.C. HABEL, *Job* (London 1985) 450].

32,13) permitem entrever um contencioso declarado entre a sua posição e a dos amigos. Tudo quanto os anciãos podem defender é terem encontrado a tradição, mas não «a sabedoria»; essa só Deus conhece o caminho para ela (Jb 28,23). A sabedoria, entendida como a percepção prudente da realidade ensinada aos mais jovens pelos que mostravam possuir entendimento e experiência (Pr 1-7.10-31) surge, nas palavras de Elihu, personificada numa realidade íntima e acessível só a Deus, como uma espécie de energia divina que só Deus possui em plenitude (Pr 8,22; Jb 28,23).²² No entender de Elihu, a resposta às questões de Job requer esta sabedoria suprema. E como só Deus conhece o caminho para ela (Jb 28), só Deus o pode vencer, isto é, só Deus lhe pode responder, não o ser humano (32,13).

A composição de Jb 33–37

É no âmbito de um estudo acurado de cada parte, passagem e sequência que os capítulos 32–37 emergem, no conjunto do livro de Job, como uma secção claramente definida e composta por quatro sequências (A1 B1 B2 A2), cada uma dividida em três passagens, com excepção da sequência B2, composta por apenas uma passagem. Surpreendentemente, as sequências extremas (A1 e A2) são assinaladas ao nível filológico por uma concentração intensa no tema do conhecimento, enquanto as sequências centrais privilegiam o tema da justiça (B1 e B2). Tal como a dinâmica do texto o sublinha, esta concentração em paralelo não é uniforme. Na sequência A1 (caps. 32–33) o tema do conhecimento aparece nitidamente identificado com o ensino da sabedoria, enquanto na sequência A2 (caps. 36–37) toma uma orientação clara para o temor de Deus. Esta característica peculiar de repetição do mesmo tema, numa tonalidade diferente, estende-se às duas sequências centrais (B1 e B2). Na sequência B1 a justiça em debate incide essencialmente numa defesa cerrada da certeza da justiça divina, enquanto na sequência B2 a justiça em causa é a ‘exiguidade’ da justiça de Job. Esta composição permite atribuir à intervenção de Elihu uma estrutura «em espelho»:

A1 – O MEU CONHECIMENTO
B1 – A JUSTIÇA DE DEUS
B2 – A TUA JUSTIÇA HUMANA
A2 – O CONHECIMENTO DE DEUS

²² Job parece reconhecer esta inacessibilidade em 12,13; Pr 16,1;19,14;21,31).

A simetria entre as sequências extremas

As duas sequências extremas (A1 32,6b-33,33 e A2 36,2-37,24) são ambas compostas por três passagens que, ao nível filológico e temático, apresentam uma relação particularmente significativa entre as passagens extremas, inicial (A1a) e final (A2 a'). A relação entre as duas sequências extremas aparece sublinhada ao nível filológico e temático por uma forte correspondência entre a primeira passagem da sequência A1 (32,6b-22) e a última passagem da sequência A2 (36, 26-37, 24). Evidencia-se, em primeiro lugar, a repetição da raiz «temer» (*yr'*), que abre e fecha o grande discurso de Elihu, e a insistência na raiz «conhecer» (*yd'*) e na raiz «compreender» (*byn*), que sublinham a atmosfera intensamente sapiencial em que se situa o grande discurso de Elihu. No início Elihu fala do *temor* que o intimida diante dos que são idosos, referindo-se certamente a *um temor de respeito* perante a experiência e o conhecimento adquirido por aqueles que tinham vivido um maior número de dias (32,6b). Esta dimensão é reforçada pela sua associação com o verbo «hesitar» (*zhl*), que sublinha a circunspeção e prudência com que Elihu entra no debate: é possuído por *um temor* (*yr'*), mas também por *um receio* de confrontar o seu conhecimento com o conhecimento cristalizado da tradição. Surpreendentemente a referência ao temor aparece, de novo, no final do discurso. Porém, agora o sujeito do temor (*yr'*) não é Elihu mas o próprio Deus, que «é temido com majestade» pelos «homens de coração» (37,22.24).

O autor realiza um salto curioso do temor dos anciãos para o temor de Deus, mostrando que a sua verdadeira preocupação não é a tradição, mas os fundamentos desta tradição. No que respeita a temática do conhecimento, num primeiro momento (A1a) Elihu fala do receio que tem de *expor o seu conhecimento* diante dos anciãos (32,6b), repetindo a expressão mais duas vezes (32,10.17). Na última passagem da sequência A2a', a dinâmica do conhecimento centra-se na impossibilidade de conhecer Deus. Elihu declara a *impossibilidade de conhecer Deus*, porque Ele é grande (36,26) e porque Ele realiza coisas que não conhecemos (37,5). No interior desta declaração, Elihu fala curiosamente de *um selo*, remetendo a possibilidade deste conhecimento para uma intervenção exclusiva de Deus (37,7). Esta afirmação estabelece uma inclusão muito oportuna com a sua declaração de que só Deus pode responder a Job (32,13). As duas sequências extremas (A1 e A2) aparecem ainda relacionadas na associação entre o desejo de «responder» e o de «dar justiça» (32,17 / 36,2-4), entre as expressões «ver com luz» e «temer sem ver» (33,26-26 / 37,21-24), «abrir os ouvidos» e «instruir» (33,16 / 36,10), atingindo um ponto crucial na oposição entre uma linguagem de acusação e a de louvor, e consequentemente entre a atitude de desespero e a de contemplação (33,9-11 / 36,24-25). Estas correspondências oferecem à relação entre as duas sequências extremas a seguinte configuração temática:

Sequência A1: passagem a (32,6b-22)

- ^{6b} «Eu sou jovem em dias e vós idosos,
por isso hesitei e **tive medo**,
de expor-vos **o meu conhecimento**.
- ⁷ Eu dizia: “Que falem os dias
e os muitos anos dêem a conhecer a sabedoria”.
- ⁸ Porém, (é) o Espírito-ela no ser humano,
o Sopro de Shaddai, que **faz compreender**.
- ⁹ Não os que são muito são sábios
nem os anciãos **compreendem** O JULGAMENTO”.
-
- ¹⁰ Por isso eu digo: “**ESCUTA-ME**,
também eu quero expor **o meu conhecimento**.
- ¹¹ Vede! Esperei pelos vossos discursos,
dei ouvidos até às vossas razões...
- ¹² Tentei **compreender-vos**,
e eis que não existe um censor para Job,
nenhum de vós responde às suas palavras...
-
- ¹⁷ Responderei, também eu a minha parte,
também eu quero expor **o meu conhecimento**,
- ¹⁸ porque estou cheio de palavras;
pressiona-me o Espírito no meu interior.
- ¹⁹ Vê! O meu interior é como vinho por abrir,
como odres novos prestes a rebentar.
- ²⁰ Falarei e que exista um espaço para mim,
abrirei os meus lábios e responderei...

Sequência A2: passagem a' (36, 26-37, 24)

- ²⁶ Vê, Deus é grande e nós **não o conhecemos**,
o número dos seus anos sem cálculo,...
- ²⁹ Sim! **Quem compreende** as extensões da nuvem
negra, os barulhos na sua tenda?...
- ^{37,1} Também por esta, **estremece**
o meu coração e salta fora do peito.
- ² **ESCUTAI!** ESCUTAI o fragor da sua voz
e o estrondo que da sua boca sai...
-
- ⁵ Deus treveja com a sua voz maravilhosa,
e realiza grandes coisas que **não conhecemos**...
- ⁷ Na mão de todo o ser humano ele coloca um selo
para que **conheçam** todos os homens a sua obra...
-
- ¹⁴ Dá ouvidos a isto Job,
está atento e **compreende** as maravilhas de Deus
- ¹⁵ «**Conheces** tu quando Deus as coloca,
e como faz brilhar a luz da sua nuvem?
- ¹⁶ **Conheces** tu os movimentos da nuvem negr
maravilhas perfeitas de **conhecimento**...
- ²² Do norte vem o dourado,
e Deus é **temido** com majestade,
- ²³ A Shaddai não o encontramos...
COM JUÍZO e muita justiça, ele não responde.
- ²⁴ Por isso, o **temem** os homens,
sem o ver todos os sábios de coração».

As duas sequências centrais (B1 34,2-37 e B2 35,2-16) apresentam uma composição muito diversa: a primeira é composta por três passagens (34,2-15; 16-33; 34-37) e a segunda é constituída por apenas uma (35,2-16). Esta diversidade é superada por uma forte unidade filológica e temática, centrada no tema e vocabulário da justiça.

A relação entre as duas sequências centrais é evidente na repetição dos termos «recompensa» e «proveito» e do verbo «dizer» (*ʾmr*), que aparece colocado numa relação estreita com a raiz *šdq* («ser justo») e o termo «direito» (*mišpāt*). A repetição do verbo «dizer» orienta o debate para a declaração de Job «*Eu sou justo*, mas Deus afasta o meu direito» (34,5ab). Elihu situa esta afirmação estrategicamente entre a escolha que os sábios fazem do «direito» (34,3-4) e as imagens «beber sarcasmo como água» e «andar em companhia de iníquos», estabelecendo uma fronteira entre os que são sábios e Job (34,7-8). Enquanto os sábios procuram escolher o direito e conhecer o que é o bem, Job considera-se um justo e confina a questão da justiça divina à equação de um proveito egocêntrico (34,9). A menção a estas palavras de Job reaparece no início da sequência B2 (35,2-3). Porém, enquanto na sequência

Sequência B1: passagem a (34, 2-15)

- ² «Escutai, sábios, as minhas palavras,
e vós conhecedores, dai-me ouvidos!
³ Porque o ouvido, as palavras examina,
como a boca saboreia o alimento.
⁴ O DIREITO escolhamos para nós,
conheçamos com os nossos olhos o que é bem.
⁵ Porque disse Job: “Eu sou justo,
mas Deus afasta o meu DIREITO.
⁶ Contra o meu DIREITO passo-por-mentiroso;
estou ferido com flechas, sem transgressão.
⁷ Quem é forte como Job,
que bebe sarcasmo como água,
⁸ que faz estrada em companhia de iníquos,
andando com homens malvados?
⁹ Porque ele disse: “De nada APROVEITA ao *geber*
ser agradável com Deus”.
¹⁰ Por isso, homens de coração, escutai-me!
Longe de Deus a maldade
e de Shaddai a injustiça
¹¹ Pois, a obra do ser humano ele RECOMPENSA,
e segundo o comportamento do homem faz favor.
¹² Na verdade, Deus não age como malvado,
e Shaddai não entorta o DIREITO.
¹³ Quem (lhe) confiou a terra
e quem dispôs o mundo inteiro?
¹⁴ Se dispusesse nele o seu coração,
e o seu Espírito e o seu sopro ele tomasse,
¹⁵ morreria toda a carne juntamente
e o *ser humano* ao pó retornaria.

Sequência B2 (35, 2-16)

- ² Isto pensas (ser) o DIREITO?
dizer “A minha justiça maior que a de Deus”,
³ quando dizes o que importa para ti?
o que APROVEITAREI sem o meu pecado?
⁴ Eu tornar-te-ei palavras
e aos teus amigos (que estão) contigo.
⁵ Contempla os céus e vê,
observa as nuvens mais altas do que tu.
⁶ Se pecas, que fazes contra ele?
Se aumentas a tua revolta, que lhe fazes?
⁷ Se és justo o que lhe dás?
O que é que da tua mão ele recebe?
⁸ Para um homem como tu a tua maldade
e para um filho de homem a tua justiça.
⁹ Sob grandes opressões eles gritam,
clamam sob o braço dos poderosos,
¹⁰ sem que diga: “Onde está o Deus que me fez,
que inspira cânticos durante a noite?
¹¹ que nos ensina mais que aos animais da terra
e do que os pássaros dos céus nos faz mais sábios?
¹² Então gritam mas ele não responde,
diante da exaltação dos malvados.
¹³ Na verdade o discurso vazio Deus não escuta
e Shaddai não observa,
¹⁴ muito menos quando dizes que o não observa,
que um julgamento está diante dele e tu esperas,
¹⁵ que a sua ira não pune
nem conhece o excesso da loucura.
¹⁶ Sim, Job para o vazio *abre a sua boca*,
sem conhecimento palavras múltipla.

B1 eles são um motivo importante para lançar uma defesa da justiça de Deus (34,10-15), na sequência B2 servem apenas para Elihu reduzir a justiça de Job ao espaço do humano (35,8). Esta dinâmica reaparece no uso dos termos «recompensa» e «proveito». Na sequência B1 estes termos remetem para um contexto de defesa da justiça de Deus (34,10-15). Deus é justo não só porque não pratica a maldade nem a iniquidade, mas porque *recompensa o agir humano* (34,10-11); a afirmação de Job «de nada aproveita» não tem qualquer fundamento (34,9). Na sequência B2, quando Elihu retoma a questão do proveito, fá-lo de novo estabelecendo um confronto entre a declaração de Job de possuir uma justiça maior (35,2-3) e a sua linguagem absurda, que parece não entender a diferença de Deus (35, 5-7) nem reconhecê-lo (35, 9-12). Enquanto Deus, na sua justiça, sabe reconhecer e recompensar, Job reduz-se aos limites estreitos da sua compreensão humana; é uma

justiça apenas para Job e para um ser humano como ele (35,8). As duas sequências centrais aparecem ainda marcadas por outras correspondências: a referência curiosa ao grito que o ser humano dirige a Deus (34, 28 e 35, 9.12), colocado no centro da sequência B1 e no centro da sequência B2, e a declaração final de que Job fala sem conhecimento (34, 35 e 35, 16).

Surpreendentemente, as duas sequências (B1 e B2) colocam no centro do discurso duas perguntas pelas quais Elihu questiona directamente Job sobre a sua compreensão da justiça de Deus e da sua própria justiça.²³

Sequência B1: passagem b (34, 36-33)

- ¹⁶ Portanto, compreende e escuta isto,
dá ouvidos ao som DAS MINHAS PALAVRAS!
¹⁷ Pode aquele que odeia o direito governar,
e se é um grande justo condenar?
¹⁸ dizendo a um rei: ‘Malvado!’
e ‘Iníquo’ aos príncipes?

Sequência B2 (35, 2-16)

- ² Isto pensas (ser) o direito?
dizer “A minha justiça maior que a de Deus”,
³ quando dizes o que importa para ti?
o que aproveitarei sem o meu pecado?
⁴ EU tornar-te-ei PALAVRAS
e aos teus amigos (que estão) contigo.

Na sequência B1, Elihu questiona Job sobre a incoerência dos seus argumentos: se Job estivesse certo, isto é, se Deus «odiasse o direito», não poderia governar o mundo. Se Deus governa é porque é um justo. Admitir o contrário é um absurdo; é o mesmo que querer condenar alguém que é um grande justo (34, 16-17). Trata-se, por isso, de uma pergunta retórica que pretende evidenciar o absurdo suscitado pelas palavras de Job e sublinhar a certeza de um agir justo de Deus, que Elihu reconhece como um justo poderoso, imparcial (34, 19), que tudo observa e vê (34, 21), nomeadamente as obras dos poderosos (34, 25). Na sequência B2, Elihu chama a atenção de Job para o facto de querer identificar o direito com uma defesa da sua justiça, principalmente quando toma como medida absoluta a questão do seu proveito (35, 2-3). Estas duas perguntas tornam-se o eixo da dinâmica que envolve toda a parte central: mostrar que as palavras de Job colocam Deus como injusto e a justiça de Job como maior que a de Deus. Ao aparecer como o centro do discurso, esta dinâmica surge como o nervo vital do conhecimento que Elihu deseja mostrar a Job (A1) e da justiça que ele deseja «dar ao Criador» (A2). Segundo Elihu, Job pensa que é um justo, só porque se considera um inocente, esquecendo

²³ Sobre a importância crucial de uma interrogação no centro da composição cf. R. MEYNET, “The Question at the Centre: A Specific Device of Rhetorical Argumentation in Scripture”, *Rhetorical Argumentation in Biblical Texts. Essays from the Lund 2000 Conference, Emory Studies in Early Christianity 8* (eds. A. ERIKSSON – T.H. OLBRICHT, – W. ÜBELACKER) (Harrisburg, PA 2002) 200-214.

que ao sobrepor a declaração do proveito de uma relação com Deus à escolha sábia do direito, se situa no âmbito de uma perversão, que de modo algum lhe dá a prioridade de uma justiça maior que a de Deus. Declarar que Deus entorta o direito, só porque a sua justiça é incompreensível, é delimitar-se a uma justiça humana que é para si mesma; é como exprimir um grito de malvado ao qual Deus não responde. Para Elihu, a justiça de Deus prevalece sobre a evidência das vicissitudes dramáticas da vida de Job, previstas no prólogo do livro como uma prova à gratuidade da sua fé (1,9; 2,4-5). Job não pode condenar Deus só porque não se sente recompensado por todo o bem realizado, porque Deus não lhe responde ou porque não lhe oferece a oportunidade de uma justiça onde ele possa aparecer como um vencedor. A justiça divina tem uma dimensão histórica reconhecida, recordada e contemplada (36,24-25) como magnífica e insondável (36,26-37,24).

Observação crítica de resultados

A unidade dos discursos de Elihu

É evidente, ao nível filológico e temático, que o autor deu ao grande discurso de Elihu uma forma unitária, na qual depositou o seu contributo no grande debate sugerido pelo conjunto do livro de Job. Esta unidade e contributo aparecem consolidados na repetição da raiz *yr'*, que abre e fecha o discurso, traçando um percurso entre um fundamentalismo persistente e a genuinidade de uma fé que ousa crer em Deus até ao fim, mesmo sem o ver.²⁴ Por isso, se no prólogo satan coloca o drama em termos de desafio e prova à gratuidade da fé comparável à de Abraão, com Elihu o drama é visto sob a forma de uma avaliação da linguagem do temor/reverência de Deus, como a única que pode sustentar a gratuidade da fé de Job e do ser humano provado, de todos os tempos. As palavras de Job nos discursos de Yhwh demonstram que Job escolheu o temor de Deus. Ali as suas palavras não são mais as do desespero e as de acusação, mas antes de reverência pela soberania e pelos desígnios imperscrutáveis de Deus (42,2-6).

A energia de uma linguagem sapiencial

A análise retórica exhibe com clareza que o grande discurso de Elihu é todo ele repassado por uma linguagem que, colocada estrategicamente em momentos importantes do discurso, acompanha e orienta a dinâmica do debate. Esta linguagem

²⁴ Esta afirmação de unidade não encontra um paralelo na história da exegese destes capítulos. É fruto precisamente de uma análise até então nunca aplicada a estes discursos: a análise retórica bíblica. Para um estudo ulterior da noção nova de contexto literário emergente de uma análise retórica bíblica cf. R. MEYNET, "Le vin de la nouvelle alliance. La parabole du vieux et du neuf (Lc 5,36-39) dans son contexte", *Gregorianum* 86,1 (2005) 5-27.

traduz um modo de pensamento e de discurso, visível em alguns termos e imagens, comuns a toda a parte poética do livro de Job e a outros livros de cariz sapiencial, nomeadamente o livro dos Provérbios e de Qohelet. Cite-se a título de exemplo a insistência no «temor de Deus», no «conhecimento», na «escuta» e na «compreensão», no tema da «instrução» e da «prova», do «proveito» e da «recompensa». A confluência de todas estas linguagens permite entrever a capacidade que a reflexão sapiencial teve de integrar, num tempo de profundo questionamento, a multiplicidade de linguagens disponíveis, sem destruir a sua densidade e acuidade. Nesta capacidade esconde-se o desejo de encontrar uma linguagem capaz de oferecer uma resposta que, para afirmar um conhecimento da justiça de Deus, não precisasse de negar a realidade, por vezes dramática e incompreensível, da existência humana. O grande discurso de Elihu representa, certamente, um momento importante nesta procura, facto que lhe garante um lugar importante na coerência do livro de Job.

A figuração do autor

A composição dos discursos permite ainda delinear alguns dos traços fundamentais da personalidade de Elihu sublinhando a sua diversidade em cada uma das sequências. Elihu percebe a urgência de defender a justiça e a bondade salvadora de Deus, sem ter necessariamente de condenar o ser humano. A linguagem usada até então perdera toda a capacidade de o fazer. Era, por isso, necessário que um inspirado e um intercessor desse a conhecer os contornos insondáveis da justiça divina e restabelecer a relação entre Job e Deus, destruída pelo sofrimento (A1). No entanto, alguém que pudesse responder com palavras de sabedoria (B1 e B2). Contudo, alguém que soubesse adequar a linguagem das certezas (A2a) a uma linguagem capaz de sugerir e venerar o mistério (A2a').²⁵ Por isso, sem se afastar dos seus traços de inspirado e intercessor, sábio e homem de coração, Elihu assume o lugar do poeta e tenta, num apelo à contemplação do insondável, defender e dizer o agir e o ser justo de Deus, surpreendentemente indizíveis e insondáveis. Este percurso singular de figuração, bem delineado na composição, coloca no centro (B1 e B2) a figura do sábio como dinamizadora de todas as outras. Elihu é acima de tudo um sábio que se descobre no seu papel de inspirado e de intercessor, uma voz do indizível que surpreendentemente aparece na introdução como um *homem irado* (32,1-6a). Elihu é, portanto, uma figura única no conjunto do livro de Job. Não existe uma outra personagem com um rosto inconformado e agitado. Esta singularidade fundamen-

²⁵ Sobre a dimensão poética do discurso de Elihu cf. H.-M. WAHL, *Der Gerechte Schöpfer, Eine Redaktions- und Theologiegeschichtliche Untersuchung der Elihureden – Hiob 32-37* (BZAW 207; Berlin – New York 1993), 149-154; C.A. NEWSOM, “Elihu’s Sapiencial Hymn (Job 36.24-37.13). Genre, Rhetoric and Moral Imagination”, *Relating to the Text. Interdisciplinary and Form-Critical Insights on the Bible* (eds. T.J. SANDOVAL – C. MANDOLFO) (Sheffield 2003) 211; K. DELL, *The Book of Job as Sceptical Literature*, (New York 1991) 228-233.

ta-se, certamente, na função que Elihu é chamado a desempenhar. Integra porém, o conjunto de um dinamismo que envolve igualmente a singularidade de cada uma das outras personagens: satan, a mulher de Job, os três amigos, Job e até mesmo o próprio Yhwh.

A direcção da mensagem

A centralidade que o discurso de Elihu atribui à justiça de Deus (B1 e B2) espelha o valor que o autor dedica a esta questão, sublinhando a sua preocupação com uma justiça divina, que sobrepõe à grande questão da retribuição. Na verdade, Elihu não repete simplesmente a teoria tradicional da retribuição. Elihu defende apenas a certeza de uma recompensa que assegura a sua intervenção livre e comprometida com a existência humana.²⁶ Enquanto Job e os amigos associam a justiça de Deus a um agir que sabe recompensar o bem e punir o mal, Elihu identifica-a com as dimensões de um agir salvífico que pode admitir a prova (33,12-33). Deus é justo porque salva; se prova, tem sempre como objectivo a salvação.²⁷ Mas Elihu vai ainda mais longe, ao opor à certeza do agir justo de Deus (36,5-10) o perigo de perversão das recompensas, que impregna Job de um dizer (34-35) e de juízos de malvado (36,16-21). Nesta oposição, Elihu deixa bem claro que a verdadeira questão a considerar não é o sofrimento de Job nem a retribuição divina, mas antes a gratuidade da fé, sempre, em todas as vicissitudes da vida humana. Elihu é o único que, no conjunto do livro e do debate, soube perceber os perigos do desafio declarado por satan (1,9; 2,3): o de ceder à tentação de tomar como medida, para a fé em Deus, as suas recompensas e, conseqüentemente, o proveito da relação com Ele. Por isso, o seu papel não é condenar Job mas antes chamá-lo a uma fé adulta, a única que pode admitir um encontro com Deus (38-42,6) e compreender que Deus é justo, não porque se revela justo na sua vida, recompensando o bem que Job faz, mas porque intervém na história com um desígnio absoluto de salvação.

Se o centro do discurso aparece intencionalmente imerso num debate sobre a justiça divina, as partes extremas (A1 e A2) distinguem-se por um forte acento naquilo a que podemos chamar um debate sobre o conhecimento de Deus. Ao nível da composição retórica do texto, este debate aparece dividido em dois grandes momentos: um primeiro, onde se evidencia a fragilidade das certezas do conhecimento

²⁶ A ideia, bastante comum, de que a posição dos amigos e a de Elihu corresponderiam a dois momentos distintos da reflexão sapiencial, aparece amplamente contestada por A. BONORA, «Retribuzione», *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica* (eds. P. ROSSANO – G. RAVASI – A. GHIRLANDA) (Torino 1988) 1331.

²⁷ Cf. Is 45,19-21. Elihu recupera uma visão profética da justiça divina, num determinado momento intencionalmente associada a uma intervenção salvífica.

(A1. a), e um segundo, onde se afirma a possibilidade extraordinária de um conhecimento de Deus que nos vem através da contemplação (A2. a'). Elihu sugere que as certezas do conhecimento, defendidas pelos amigos, se revelaram incapazes de dialogar com a existência de Job e, conseqüentemente, com o desafio colocado por satan. A sua principal dificuldade foi a de conciliar o sofrimento inocente com a bondade e justiça de Deus. Na sua convicção de que Deus julga sempre com justiça o justo e o malvado, não existe espaço para o justo que sofre. A sua absoluta necessidade de defender a justiça de Deus levou-os a desenvolver um conjunto de teodiceias, onde procuram conciliar a justiça e a onnipotência de Deus com a existência de mal no mundo.²⁸ Tal como os amigos, também Job não sabe como reconciliar o seu sofrimento com a sua imagem de um Deus justo. Questiona a sua natureza e o seu governo do mundo, traça-o como alguém que age com uma curiosidade maliciosa (7,17-20) e com uma raiva sádica (16,9-14); como um violador da justiça (27,2) que usa a sua sabedoria e poder para criar o caos, mais do que a ordem (12,13-25). Neste debate, Elihu entra como aquele que declara que a verdadeira questão é a de compreender a presença de Deus numa criação e numa história surpreendentes de salvação. Esta compreensão nunca poderá surgir de certezas ou de construções humanas de Deus, onde prevalecerá sempre o risco de, para defender Deus, ter de se condenar injustamente o ser humano, mas sim através de uma contemplação do agir insondável e imperscrutável de Deus, onde a salvação do ser humano aparece como a própria realização de Deus.²⁹ Job pensa poder resolver o seu problema com um conhecimento de Deus e do seu agir que destrua as barreiras que existem entre ele e Deus (19, 25-26).³⁰ Elihu sugere-lhe um conhecimento de Deus que respeite a diferença e soberania de Deus, um conhecimento que vem da contemplação da sua intervenção criadora e salvífica na história (36, 25). Uma contemplação que não visa uma apropriação do conhecimento de Deus, mas uma abertura ao seu dom, desvelado numa história humana como um dom de salvação. O Deus que Elihu coloca diante de um Job provado é um Deus que excede as medidas do seu sofrimento e assume as medidas da sua presença salvífica: um Deus poderoso na sua justiça (36, 5), sublime na sua força e revelação (36, 22) e tão grande que é impossível dominar pelo conhecimento (36, 26); um Deus que pode ser perscrutado apenas pelo «temor», dos que aprenderam, sem o ver, a ser sábios de coração (37, 23-24).

²⁸ Cf. J.L. CRENSHAW, "Introduction: The Shift from Theodicy to Anthropodicy", *Theodicy in the Old Testament* (ed. J.L. CRENSHAW) (Philadelphia, PA 1983) 1-41; E.W. NICHOLSON, "The Limits of Theodicy as a Theme of the Book of Job", *Wisdom in Ancient Israel* (eds. J. DAY – R.P. GORDON – H.G.M. WILLIAMSON) (New York, NY 1995) 71-82.

²⁹ Esta é certamente a *instrução* de que Elihu fala.

³⁰ Cf. M.P. GALLAGHER, *Dive Deeper: The human poetry of Faith* (London 2001) 49.

Conclusão

Os frutos que se oferecem

Os argumentos de carácter linguístico, usados frequentemente, num estudo diacrónico, para defender a fragmentação do livro e a posteridade dos discursos de Elihu, aparecem, à luz de uma análise retórica, orientados *versus* novos horizontes de leitura e compreensão. Esta orientação suscitou um inevitável confronto com a fragilidade de algumas considerações da exegese moderna, nomeadamente no que respeita à personalidade de Elihu e à importância das suas palavras no conjunto do livro de Job. Fruto de uma análise demorada sobre a composição, os paralelismos, simetrias, oposições e relações de identidade, a análise retórica de Jb 32–37 revelou-se como uma etapa indispensável na exegese do texto. O horizonte não é a teimosia absolutista ou indiferente, mas a convicção de que o principal erro de compreensão do livro de Job, e que persiste até ao momento presente, inicia-se precisamente aqui, nos discursos de Elihu.³¹ A composição e interpretação sugerida põe em causa a ideia, amplamente difundida, de que o discurso de Elihu é repetitivo e não acrescenta nada ao que foi dito pelos amigos ou ao que será dito por Yhwh. Esta é, certamente, uma entre as ideias mais importantes a ser objecto de disputa na exegese actual. Dela decorre a compreensão de um debate sapiencial sobre o conhecimento de Deus, com implicações hermenêuticas para o crente de todos os tempos. Diligentemente, Elihu focaliza estas implicações nas nossas linguagens humanas sobre Deus, reduzidas frequentemente a debates e explicações minados por tendências defensivas, que limitam as dimensões sempre surpreendentes da revelação e nos tornam incapazes de viver, em todas as circunstâncias da vida, a certeza de uma presença de Deus, que deve coexistir com a insondabilidade do seu conhecimento.

A reabertura do debate

A energia peculiar desta compreensão inovada dos discursos de Elihu relança inevitavelmente o debate, que agora se alarga a uma inteligência mais incisiva da sua relação com as diferentes partes do livro de Job. Na observação crítica de alguns dos resultados deste tipo de análise refere-se uma ponte importante entre os discursos de Elihu e o prólogo, nomeadamente o desafio colocado por satan. Porém, não é muito clara, ainda, a sua relação com os chamados discursos de Yhwh (caps. 38, 1-42, 6), sobretudo com as declarações feitas no epílogo em 42, 7-8. Aparentemente, a crítica cerrada que Elihu faz às palavras de Job e dos amigos parece encontrar um suporte significativo nas primeiras palavras que Deus dirige a Job: («Quem é

³¹ Cf. C. WESTERMANN, *Der Aufbau des Buches Hiob* (Tübingen 1956-21977) 139-140.

esse que obscurece os meus desígnios com palavras sem sentido»? 38, 2). Contudo, como conciliá-la sua declaração final aos amigos («...não falaste correctamente de mim como fez o meu servo Job» 42, 7)? Os que denunciam a nossa tendência de procurar sempre no texto bíblico elementos de significado e de transição e as nossas resistências incessantes aos elementos de repetição e contraste, sugerem que nos abramos à transformação das nossas impressões iniciais de desordem literária na redescoberta de uma lógica onde, com ou sem transição, as palavras falam umas às outras.³²

É verdade que Elihu oferece a Job uma resposta, que sabe não ser definitiva. No entanto, é uma resposta que considera oportuna e indispensável. Muitos questionarão a validade desta afirmação. Para estes, Elihu não responde verdadeiramente a Job. Porém, se o conjunto da sua argumentação não faz qualquer sentido no conjunto de debate, que dizer da argumentação surpreendente dos discursos de Yhwh (Jb 38-42)? De facto, a argumentação de Elihu corre o risco de cair no mesmo absolutismo que ele condena nos amigos. Porém, é bem claro que ele nunca condena o grito de Job pelo sentido da sua existência, mas sim o modo acusador como ele grita, que contradiz a confiança, o conhecimento e o temor de Deus próprias de um «justo». Será sempre um desafio entender a tensão latente no texto bíblico. Neste desafio, a análise retórica bíblica – a aplicar, certamente, a todo o livro de Job – emerge, sem hesitação, como um caminho, também ele promissor, para a compreensão da oportunidade excelente de todas as palavras pronunciadas no livro, de um modo particular as de Job, de Elihu e de Yhwh.

³² Cf. P. BEAUCHAMP, in R. MEYNET, *Rhetorical Analysis. An Introduction to Biblical Rhetoric* (JSOTSS 256; Sheffield 1998) 11-15.